

“Os Parceiros” de Antonio Candido: a construção de seu pensamento sociológico em “Os Parceiros do Rio Bonito”.

Airton Souza de Lima¹

Resumo

A partir do método de análise do discurso, se emerge da construção do pensamento intrínseca à obra “Os Parceiros do Rio Bonito” para as condições contextuais de seu autor, Antonio Candido. Além de discutir com a tese de Luis Carlos Jackson sobre as diferentes nuances da concepção de sociologia ao longo da formação intelectual de Candido (entre as décadas de trinta e cinquenta), se polemiza sobre a relevância da proposição política contida em sua obra. Finalmente, são vislumbrados o alcance da obra e sua atualidade.

Palavras-chave: pensamento social brasileiro, questão agrária, caipira.

1. A construção do enunciado teórico em “Os Parceiros do Rio Bonito” e algumas implicações

Mas uma coisa é o pensamento, outra é o ato, outra ainda, a imagem do ato. A roda da razão não rola entre elas.

(NIETZSCHE,1998, p.43)

Compreender e deslindar os percalços na formação do pensamento sociológico de Antonio Candido (AC) é adentrar nas décadas de quarenta e cinquenta e respirar a atmosfera intelectual paulista de transição entre o diletantismo e o “academicismo”, entre os ensaístas (Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Gilberto Freire), que marcaram a década de trinta e os estudos monográficos da Escola Livre de Sociologia e Política daquele período. Focalizar a obra *Os Parceiros do Rio Bonito*² é encontrar as contingências, as continuidades e descontinuidades do pensamento social

¹ Mestrando em Ciências Sociais pela Unesp de Marília

² Foi publicada pela primeira vez em 1964, originalmente era uma tese de doutorado de Candido (defendida em 1954) sobre os meios de vida dos caipiras do município de Bofete que se chamara Rio Bonito, oeste do interior paulista. Antonio Candido é mais conhecido pela sua abordagem sociológica nos estudos da literatura brasileira, todavia, nos restringimos apenas a “Os Parceiros do Rio Bonito”.

brasileiro em Candido e, mais especificamente, pontuar a nova forma, que ele estabeleceu, de conceber a cultura caipira. Quais discursos ocupam lugar na construção do pensamento de AC em “*Os Parceiros*”? Qual espaço seu próprio discurso ocupava no campo do conhecimento daquele contexto? E qual o alcance de sua obra ao longo do tempo e, portanto, como ela chega até a atualidade? Para atender minimamente estas questões, preferimos uma trajetória que parta do próprio movimento discursivo do autor, extraindo daí causalidades e contingências de seu contexto de formação intelectual imediato, chegando ao modo como sua obra aparece naquele momento e nos dias de hoje.

Um dos recursos para inverter a “ordem do discurso”, segundo Foucault, seria a localização dos recursos de limitação e controle presentes no texto ou na fala. Um deles é o recurso do *comentário*, onde a autoridade é atribuída a um determinado texto, o qual é tido como portador de uma dada virtude, mistério ou verdade. Desse modo, ele será reproduzido e reinterpretado nos mais diversos contextos através da repetição da citação. No caso de *Os Parceiros do Rio Bonito* (doravante PRB), esse mecanismo deve ser contraposto ao da *disciplina*, onde, no lugar da identidade pela repetição do mesmo, se estabelece um conjunto de métodos e regras que propõe não a mera repetição, mas sim a formulação de novas proposições. Segue-se que o *comentário* aparece ligado ao recurso da *disciplina* em uma relação onde, ao invés de uma recitação, se estabelece a seleção de um conjunto de métodos mais ou menos adequados para lidar com o objeto pesquisado. Comenta-se não uma “bíblia” e sim diferentes métodos, o que deixa em aberto a rejeição ou aceitação de teorias para a formulação de novos enunciados, em detrimento da pura e simples reprodução do mesmo. Sendo assim, buscaremos quais são os “comentados” em Antônio Candido (AC), o efeito de limitação e qual a sua nova proposição.

Nessa lógica de reprodução e inovação do mecanismo de disciplina, destacamos o modo como ele se processa com um dos “comentados” em PRB, ou seja, com o antropólogo americano Robert Redfield. As noções de Redfield, especialmente a de *folk culture*, contribuíram com a idéia de cultura e sociedade rústica desenvolvidas por Candido. Esse antropólogo estudou quatro comunidades no entorno da cidade de Merida na península de Yucatan, México. Em linhas gerais, os resultados de sua pesquisa indicariam que quanto mais próximas de Merida, essas comunidades

apresentariam menor isolamento, menor homogeneidade, pouca tradição e, por outro lado, maior individualismo e secularização. Redfield comparou num mesmo momento histórico graus de homogeneidade, isolamento e a mudança social e cultural. Quanto menos isoladas maior a divisão do trabalho, a utilização do dinheiro, a secularização, o arrefecimento das relações de parentesco, mais controles impessoais e maior liberdade individual. Na época se aceitou a crítica de Foster feita a esse tipo ideal de Redfield (*folk society*), segundo a qual, esse tipo ideal teria apenas valor heurístico e seria mero esquema taxonômico. Eis uma restrição em PRB ao conceito de *Folk culture* ou *Folk society*, onde a idéia de rústico não poderia se delimitar a um tipo ideal que engloba apenas sociedades que se equiparem às primitivas (CANDIDO, 1997, p. 21). AC rejeita, portanto, o valor taxonômico daquela noção sem, no entanto, abandonar o seu valor heurístico, uma vez que atribui ao conceito de “rústico” e às “sociedades camponesas” a característica de pertencerem ao mesmo sistema fundamental de valores da cidade, o que lhe permite instrumentalizar a noção de “sociedade parcial e cultura parcial”. Critica, dessa forma, o que há de estático e convencional na antropologia americana e inglesa (taxonômico) ao mesmo tempo em que admite o *tema sociológico* como *problema social* (valor heurístico). (CANDIDO, 1997, p. 20)

Em PRB está *recitado* o conceito de *folk urban continuum*, que polariza *folk* de um lado e *urban* de outro. Além desse conceito, é reincorporada também uma técnica defendida por Redfield, através da qual ele visava suprir as histórias de sociedades sem escrita com depoimentos de pessoas idosas, distinguindo o que elas dizem ser ou não recente. AC combinou documentos de viajantes do século XVIII (que se limitam à perspectiva das classes dominantes) com depoimentos de velhos caipiras sobre o “tempo dos antigos”. Outros modelos também foram levados em conta, e acionando os mecanismos de comentário e disciplina, Candido elaborou novas proposições e noções para interpretar essa realidade. Dessa forma, resulta em PRB a noção de *cultura rústica*, que diz respeito às culturas tradicionais “camponesas” ao nível de Brasil; a noção de *cultura caipira* em nível de São Paulo; *mínimos vitais e sociais* que abordam a forma de organização para a obtenção dos meios de vida e, finalmente, a noção de *bairro rural* como unidade mínima de sociabilidade. Tais noções “desvendariam” o equilíbrio instável das sociedades rústicas.

Não são apenas os espíritos americanos e ingleses que pairam sobre a nova elite intelectual de São Paulo. A língua predominante nas aulas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (Universidade de São Paulo) indica a presença do pensamento francês. O “Cavaleiro da Esperança” em trajes vermelhos anuncia que é chegado o “Reino dos Soviets”³, o marxismo é mais um discurso entrando em cena no Brasil. Essa “incrível atmosfera de paixão pelas coisas sociais que aconteceu depois de 1930” (entrevista à PONTES, 2001, p. 5) se manifesta em PRB personificada na elaboração do conceito de necessidade a partir de Malinowski e de Marx. Do primeiro vem a idéia de necessidades primárias, as quais correspondem as necessidades biológicas, e a de necessidades derivadas, que indicariam a organização sócio-cultural das sociedades para a suprir necessidades criando outras novas necessidades. Isso se processaria de tal modo que as sociedades poderiam ser caracterizadas pela natureza de suas necessidades. Vale, portanto, ao pesquisador a análise da atividade social enquanto função social (ver entrevista ao JACKSON, 2002, p. 140) e das instituições que cumprem tais funções, configurando, desse modo, o aspecto sincrônico dessas sociedades. De Marx, ele toma a dinâmica dos meios de vida como fator de sociabilidade, na qual, Homem e Natureza, mediados pelo trabalho, surgem como aspectos indissolúvelmente ligados no processo histórico, de tal forma que “o meio vai se tornando, [...], reflexo da ação do homem na dimensão do tempo”. (CANDIDO, 1997, p.11, p. 23)

Retomando o mecanismo de comentário, utilizado na construção discursiva, a recitação de Malinowski e de Marx irá implicar no recurso da elaboração de uma nova proposição (característica da limitação discursiva pela disciplina) em PRB. Pontuando o equilíbrio entre as necessidades e os recursos do meio, Candido se refere a dois ajustamentos: um que trata das soluções para obtenção dos recursos para subsistência e outro que estabelece uma organização compatível com elas. Sendo assim, o equilíbrio do grupo, permitido pelas condições gerais da cultura, poderia ser estável ou instável, satisfatório ou insatisfatório. Haveria para cada cultura, em cada momento, mínimos abaixo dos quais não seria possível o equilíbrio e, a partir dessa noção, Candido propõe a equação entre *mínimo social* e *mínimo vital*. Abaixo do mínimo social teríamos a

³ Vale lembrar que em fins da década de vinte e ao longo das décadas de trinta e quarenta, Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança da famosa Coluna Prestes, se ligaria visceralmente ao antigo PCB (Partido Comunista Brasileiro).

anomia e abaixo do nível vital, fome. Falar em mínimo cultural seria etnocentrismo, pois, em uma análise comparativa, tal como neste caso, culminaria em apontar se uma cultura está abaixo ou acima do nível de outra.

A proposição de Candido formula novos limites e nova rarefação de discursos sobre o conceito de cultura, especificamente o de “cultura caipira”. Rarefeita, por exemplo, é presença do pensamento de Monteiro Lobato na obra, ele é citado uma única vez. Isso porque a figura do Jeca-Tatu seria o arquétipo dos “estereótipos fixados [...] de maneira injusta, brilhante e caricatural.” (CANDIDO, 1997, p. 82) Na entrevista a Luiz Carlos Jackson, Candido afirma que o pouco que leu de Monteiro Lobato “corresponde[ria] a uma visão pouco compreensiva.” (2002, p. 143) A proposição elaborada em PRB exclui a abordagem racial ao tratar de “cultura caipira” e não cabocla, podendo haver “caipira caboclo, preto, branco, etc”, conforme os termos de Cornélio Pires⁴ (CANDIDO, 1997, p. 22), ao mesmo tempo em que determina que “cultura caipira” não é qualquer cultura. Para se determinar o que venha ser uma “cultura caipira”, haveria que se buscar quais os mínimos de subsistência e de sociabilidade que a constituem e a caracterizam. Se o grupo analisado estiver abaixo ou acima desses mínimos, não se poderia falar em “cultura caipira”. Isso assim, pois, ao ultrapassá-los ou ao não atingi-los, o grupo, no primeiro caso, teria assimilado ou constituído outra cultura e modo de vida e, no segundo, estaria desintegrado em situação de fome e anomia. Em 1996, na entrevista a qual nos referimos acima, Candido deu uma resposta que esclarece esse ponto. Ele disse o seguinte sobre a congada em Lambari (MG):

Hoje em dia, no Sul de Minas, tentam muito preservar essas e outras práticas, mas isso é manifestação folclórica mesmo, para turista ver. Chamo de folclórico aquilo que é manipulado pelo homem da cidade, enquanto o cultural é o que é praticado por necessidade orgânica da cultura. Em Lambari, de certo eles vão na frente do hotel e cantam para turista ver. (apud JACKSON, 2002, p. 146/7)

⁴ A negação da abordagem racial é muito mais uma interpretação de Candido do que a “classificação” de Cornélio Pires, uma vez que Cornélio Pires usou os termos de caipira branco, negro, mulato, numa diferenciação estereotipada e preconceituosa onde o negro seria uma degenerescência. Conf. Francisco, Luís Roberto. A gente Paulista e a vida caipira. IN: *Coleção Terra Paulista: História, Artes, Costumes*. Vol. 2. Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos. São Paulo, CENPEC/Imprensa Oficial, 2004, p. 25

Essa limitação discursiva definida pelos recortes de comentários que transita da antropologia americana e inglesa, passando pela francesa e recitando Marx, em *Ideologia Alemã* repete ou retém apenas parte de tais discursos. AC, em PRB, recusa a mera abordagem estatística da sociologia por não se conformar com sua “falta de sensibilidade”, bem como distingue-se dos trabalhos monográficos sobre comunidade, pelo que eles comportam de estático e convencional (CANDIDO, 1997, p. 20). O novo ambiente de formação intelectual, caracterizado pela USP, pela ELSP, etc., um mecanismo novo para o nosso pensamento social, não mais o mero comentário e repetição dos grandes pensadores internacionais, e sim o mecanismo da disciplina. Tal mecanismo, por um lado, favorece a elaboração de novas proposições e, por outro, determina se tais proposições se incluem ou não no “verdadeiro”. De qualquer forma, Candido estaria criando uma “identidade” para o seu pensamento, demarcando-o pela “alteridade”, dizendo sobre as formas estatísticas e monográficas, preponderantes naquele contexto, que: “Esta tese [PRB] não é uma coisa, nem outra”.

A partir dessa constatação, confirma, por outro caminho, a tese de Jackson sobre PRB, de acordo com a qual essa obra é, em parte, fruto da tendência técnico-científica uspiana que influenciou, entre outras coisas, na escolha do tema, na pesquisa empírica, nas leituras teóricas, etc. Além disso, PRB restauraria, nas entrelinhas, a tradição do pensamento social brasileiro através de uma interpretação abrangente de nossa formação social, indicando problemas de tal formação e propondo soluções para tais problemas. Tradição esta, inscrita por *Casa Grande & Senzala e Raízes do Brasil*. Tese que está explicitada logo no título de seu trabalho: “A tradição esquecida”. Jackson sugere que além de recuperar a tradição esquecida dos caipiras, PRB recupera “a longa tradição de nosso pensamento, em relação ao qual o saber acadêmico da USP procurava se diferenciar nos anos 50 e 60.” (JACKSON, 2001, p. 137)

2. A sociologia em “Os Parceiros do Rio Bonito”

A partir desse ponto não podemos nos limitar a verificar instrumentos de construção de discurso em PRB, uma vez que, junto com uma “vontade de verdade” existe uma “vontade de poder”. O conflito não se dá entre significados e sim entre os homens (no sentido geral do termo) e seus interesses. A obra de Candido precisa ser

entendida não como ato de originalidade ou de criação e sim como um acontecimento inserido num contexto pautado por condições de possibilidade, aspectos de exterioridade. Buscaremos, portanto, o que há de contingente nesse contexto, aquilo que acontece independente da consciência. Por isso, no lugar de “consciência” preferimos “vontade”, que nos desvencilha da idéia de razão, abrindo espaço para o “inconsciente”, para o impulso irracional e os limites que este encontra na regularidade e as condições que compõe um acontecimento. Para tanto, será mais fácil, dado nossos limites intelectuais e de erudição, fazer o recorte pelo tema da sociologia na vida de AC. Qual o modo como ela acontece e como o autor a vivencia? Qual o discurso “racional” (no sentido de racionalizar, de explicar para si, justificar) ele irá anexar a ela? E, por fim, por tratar-se não de pura “vontade de verdade”, mas também “de poder”, qual o alcance da obra, até onde ela chega? Qual sua repercussão e qual seu desempenho no jogo das relações de força presentes no “campo” do conhecimento e, mais do que isso, qual seu lugar no “verdadeiro”, afinal, seu discurso é “verdadeiro” ou “falso”?

É claro que não daremos conta do recado a contento. Afinal, já dizia Nietzsche: “A genealogia é parda”, da cor dos inúmeros arquivos poeirentos da história e, portanto, não temos condições de atender a todas as demandas de uma pesquisa desse tipo. Trata-se de um artigo apenas e nos limitamos a levantar provocações e hipóteses imbricadas de contradições, obviamente.

2.a. “Classificar é preciso”: sociologia ou socialismo?

Retomemos os autores comentados por Candido que nos projetam para fora de seu pensamento. As idéias de Redfield e Malinowski nos convidam a participar do seminário de doutorado do antropólogo Emílio Willems, de 1942, na USP. “Com ele”, dizia Candido, “leamos Redfield, Melville Herskovits, Irving Hallowell, Raimond Firth, Malinowski, Evans-Pritchard, Radcliffe-Brown. [...] Fiquei marcado pelo estruturalismo.” (entrevista à PONTES, 2001, p. 21) Willems nos remete ainda para a Escola Livre de Sociologia e Política, que tinha “uma orientação mais prática de sociologia”, graças aos professores americanos que trouxeram a visão da Escola de Chicago (onde lecionava Robert Redfield) e as normas do Smithsonian Institution. Orientação que foi decisiva, graças ao mestre alemão Hebert Baldus, na obra

Organização Social dos Tupinambás de Florestam Fernandes. Willems escreveu um trabalho monográfico e descritivo sobre um pequeno município do interior de São Paulo chamado *Cunha*. Donald Pierson, aquele que trouxe o pensamento da Escola de Chicago, no mesmo sentido, escreveu *Cruz das Almas*. Tais obras foram alvo das críticas de Candido, em PRB, contra análises estáticas, descritivas, monográficas, etc. Para compreender essas críticas tentemos propor como acontece a sociologia na sua trajetória.

Essa “orientação prática de sociologia”, que caracterizaria a Escola Livre de Sociologia e Política, surge na lembrança de Candido contraposta ao que ocorria na USP:

Nós pertencemos a uma fase heróica da Faculdade, que foi a implantação dos cursos pelos professores estrangeiros. [...], havia muito diletantismo, nós transitávamos da arte para a filosofia, da sociologia para a literatura. (entrevista a PONTES, 2001, p. 18)

Enquanto na ELSP a sociologia é prática, na Faculdade ela caminha da “sociologia para a literatura”. Se Willems tipifica a pesquisa técnica, acadêmica, por outro lado, o professor Jean Maugüé, de filosofia, que “não respeitava as convenções acadêmicas, era irreverente, meio preguiçoso, [...] não fazia questão de publicar nem ‘fazer currículo’, que, como vocês sabem, é muitas vezes uma operação farisaica”. (entrevista a PONTES, 2001, p. 15-16) Maugüé “era um gênio didático”, professor de sala cheia, como diria Weber, ao qual os alunos pediam para prorrogar o período de aula, além de ser um marxista franco. Em 1941, no curso de Maugüé, AC leu muita literatura socialista, leu Lênin, Bukharin, Plekanov e, especialmente, Trotski. (PONTES, 2001, p. 22) Então chegamos a Marx através de um elegante orador francês, que não tinha restrições quanto a mostrar sua posição política, num momento em que a maioria dos professores procurava manter “neutralidade”.

Maugüé, por sua vez, nos conduz aos resquícios, na alma de Candido, da atmosfera dos anos 30, década em que surgiram os grandes “pensadores radicais” (Gilberto freire, Sérgio B. Holanda, Caio Prado Jr.) do Brasil, em que se tomava posição política (seja comunista, integralista, socialista, etc). Havia um grande desejo de se conhecer o Brasil. O que não representou, nesse sentido, *Casa Grande&Sensala* naquele ambiente? E a confiança que *Raízes do Brasil* auferia ao povo? E o marxismo de Caio

Prado (1935) em *Evolução Política do Brasil?* A sociologia aconteceu assim na vida do jovem Candido, de tal modo que “confundia um pouco socialismo com sociologia, achando talvez que esta era uma preparação para ele”. (PONTES, 2001, p. 9)

Ele viveu num contexto em que se criava um Mistério da Educação, em 1932 era fundada a Escola Livre de Sociologia e Política e, em 1934, iniciava as atividades da USP. Eram os impactos da “Revolução Constituinte” de 1932 sobre as oligarquias paulistas que principiavam por formar academicamente seus novos quadros políticos. Também em 1932, seu pai, que era médico, levou até Poços de Caldas livros publicados pela Brasileira da Companhia Editora Nacional, dentre eles um sobre Alberto Torres e outro de Oliveira Viana, *Raça e assimilação*. E como seu pai gostasse de saber sobre tudo, inclusive sobre o comunismo, ele influenciou muito Candido em seu gosto pelos livros que tratam de Brasil e política em geral. Além disso, por parte de sua mãe, sua família herdou uma excelente biblioteca e transmitiu um ambiente de alta erudição. Na França teve uma professora católica através da qual conheceu a literatura francesa; em Poços de Caldas, uma protestante, pela qual teve acesso à literatura inglesa, além de uma amiga de sua mãe que era anticlerical e socialista. Esta lhe abriu grande parte da bibliografia socialista. (entrevista a JACKSON, 2002, p. 151-152)

A sociologia aparece regularmente ligada ao socialismo, à inquietação de Candido com aquilo que considera “humano”, está associada à sensibilidade. Seu pendor para a área das humanidades irá ser decisivo na escolha do Curso de Filosofia em 1937, em detrimento da sugestão de seu pai (que era fazer medicina). Mas, apesar do diletantismo de alguns professores de sua época, as “especialidades” ganhavam maior força e espaço na academia, ao longo dos anos 40. Já a partir de 1950, segundo Maria Sylvia de Carvalho Franco, prevalece na USP a tentativa de estabelecer as ciências sociais como ciências autônomas, criticando a “cultura dos bacharéis”, que seria cheia de retórica e superficialidade. Havia um esforço para torná-las um saber positivo, desprezando seus aspectos “humanísticos-impressionistas.” (*apud* JACKSON, 2002, p. 77) Lembremos que PRB foi realizado entre 1947 e 1953 e, nesta obra, Candido traz para a USP diletante, o espírito das classes médias radicais dos anos 30 e seu correspondente pensamento radical, cheio de sensibilidade artística e/ou política. A sociologia, diante de tais condições, foi uma série de acontecimentos na sua trajetória. Ele confessa para Heloisa:

Durante a lenta elaboração da minha tese de doutorado eu tinha muitas dúvidas, devido meu viés literário. Então perguntava a Bastide se aquilo era mesmo sociologia, só sociologia, porque naquele tempo havia uma espécie de obsessão com a especificidade, com a pureza inconfundível da disciplina, herança de Durkheim, que precisou proclamar a validade incontaminada da nova ciência. (entrevista a PONTES, 2001, p. 14)

Destaquemos pelo menos duas coisas nesse pequeno desabafo: “meu viés literário” e a dúvida “[...] se aquilo era mesmo sociologia, só sociologia, [...] uma espécie de obsessão pela especificidade, [...]”. Há uma espécie de decepção com a sociologia, sociologia seria só “pura ciência”? Não haveria preparação para o socialismo?

2.b. “Classificar é preciso”: sociologia é ciência ou humanidade?

Lembremos que a obra de Marx, que orienta seu “viés sociológico”, é *A ideologia Alemã* onde se trava um debate com o romântico humanista alemão Feuerbach. É nesta obra que Marx inverte a dialética hegeliana trazendo-a do céu para a terra, fazendo da história não obra de uma razão absoluta, mas sim obra do trabalho humano. Há um exagero necessário sobre o humano nesta obra de Marx. Não pensemos, por isso, que Candido foi profundo estudioso do jovem Marx e seus *Manuscritos Filosóficos*, pois não teve acesso a eles na época e, até o momento da entrevista com Jackson, afirmou não tê-los lido. (2002, p. 140) D`O *Capital* mesmo leu somente a primeira parte. De toda forma, seu espírito parecia farejar aquilo que fosse humano e qual não foi sua satisfação ao ler Evans-Pritchard:

Acho que os antropólogos ingleses foram importantes para mim porque escrevem antropologia como matéria humanística, não como ciência. Gosto daquela idéia de Evans-Pritchard, que a antropologia é humanidade, não ciência, o que permite escrever com sensibilidade, em linguagem corrente. (entrevista a JACKSON, 2002, p. 144)

A antropologia surge dando forma à sua “paixão pelo concreto”, que se manifesta numa atividade intelectual de “cunho muito empírico”. O acúmulo de dados que colheu na pesquisa sobre o Cururu, sua ida ao campo, “não foi uma fria experiência

acadêmica, foi uma vivência, [...]”. Sentir, respirar, experimentar e ver eram fatores fundamentais para inspirá-lo e animá-lo. AC conta que quando estava redigindo o texto, deixava a sua casa e ia até a Pinacoteca do Estado e: “Lá ficava olhando longamente os quadros de Almeida Júnior, para reforçar o sentimento da vida caipira, que ele exprime [...] em quadros como *Apertando o lombilho*, *Caipira picando fumo*, *Amolação interrompida*, *Violeiro* [...]”, e isto o entusiasmava a continuar escrevendo PRB. (entrevista a JACKSON, 2002, p. 138) Depois do seminário de Willems, da bela escrita apresentada por Malinowski, do livro *Social anthropology*, de Evans-Pritchard, AC encontrou-se nos ingleses e na antropologia, e PRB seria mais história e antropologia do que sociologia. Ele chega mesmo a dizer que não era sociólogo, era apenas professor assistente da cadeira de Sociologia II (desde 1942), e que se tivesse sido antropólogo, talvez teria largado as ciências sociais.

A sociologia parece persistir à revelia da vontade de Candido. Com a morte de seu pai em 1942, ele precisou publicar com frequência críticas literárias na revista *Clima*, que fundara em 1941 com alguns amigos da Faculdade. Com as dificuldades financeiras, e por ser o único formado academicamente entre seus irmãos, aceitou a proposta de Fernando Azevedo de se tornar seu auxiliar na cadeira de Sociologia II. “Foi assim que entrei para o corpo docente sem vontade de ser sociólogo, como tinha começado a escrever sem vontade de ser escritor”. (PONTES, 2001, p. 24) Edgard Carone, que cedeu a fazenda do município de Bofete para ser feita a pesquisa, conta que nas ciências sociais Candido começou meio por acaso. (JACKSON, 2002, p. 181) Quando, finalmente, no seu doutoramento, tenta provar sua competência em sociologia através d’Os PRB, seguiu o conselho de Bastide de que era lícito misturar sociologia, antropologia, embora fiasse pelo predomínio da sociologia, que afinal: “O importante não era que a tese seja ou não sociológica, mas que seja boa.” Apesar disso, enquanto todos examinadores da tese deram dez, Bastide deu nove e meio, sob a alegação de que era mais antropológica do que sociológica. (PONTES, 2001, p. 14)

Ao fim das contas, na revista *Sociologia*, AC publicara um artigo onde dizia que a sociologia poderia ser uma ciência, uma técnica social e um ponto de vista. Das apostilas deixadas nas aulas de Paul Arbousse-Bastide, o “Bastidão”, Candido reteve a diferença entre técnica, método e ciência: “o funcionalismo era bom enquanto técnica, não como método”. Nesse sentido, para ele a sociologia que outrora confundia com o

socialismo, não poderia se reduzir a uma técnica, nem desprezar a boa escrita e a sensibilidade em nome da neutralidade científica, por isso, a sociologia era melhor como ponto de vista, um instrumento para ver a realidade.

No contexto de institucionalização do conhecimento, decidiu abandonar as ciências sociais: “Sou assistente de sociologia, mas não quero ser catedrático porque não sou nem quero ser sociólogo; então vou embora”. Todavia, Candido não queria ir embora sem dar provas de sua competência no assunto. Da sociologia enquanto um desafio e prova de competência, nasce PRB. “Escrita a tese, defendida, aprovada, em fins de 1954, me senti à vontade para deixar a Sociologia.” (PONTES, 2001, p. 134)

Deixando os aspectos externos à obra e voltando para dentro de PRB, vemos que juntamente com a antropologia e a história, a sociologia configura uma das três dimensões da realidade caipira. Três dimensões, três instrumentos teóricos, três ferramentas de interpretação do “concreto”. A sociologia em PRB é uma verdadeira resistência à série de usos que lhe era atribuída naquela época, é uma descontinuidade, um “retrocesso”, um retorno parcial aos pensadores dos anos 30. *Índios e mamelucos na expansão paulista*, de Sérgio Buarque de Holanda, o autorizava a analisar o mundo rural pela simbiose entre o homem e o meio. “Quando li *Índios e mamelucos* senti que ali estava o caminho”. (PONTES, 2001, p. 132) Willems aparece como uma contribuição lateral, pois tão importante quanto a técnica, era a sociologia como senso qualitativo, meditação e contato com o grupo. Agora a sociologia renasce em contraposição aos números, que eram matéria-prima para demógrafo e economista. Ela se torna a sensibilidade e o sincretismo da tradição do pensamento social brasileiro, presentes em Euclides da Cunha, na dialética dos contrários de Sérgio Buarque de Holanda, na estética de Gilberto Freire; se torna aquilo que a antropologia era para Evans-Pritchard, ou então o materialismo histórico-dialético subvertendo “a ideologia alemã”, o passo necessário para conhecer o socialismo:

O sociólogo, [...], fareja por toda a parte o humano, no que tem de próprio a cada lugar, em cada momento, não pode satisfazer-se neste nível [geral, universal]. Desce então ao pormenor, buscando na sua riqueza e singularidade um corretivo à visão pelas médias; daí o apego ao qualitativo, [...]. (entrevista a JACKSON, 2002, p. 72)

Jackson demonstra como isto se manifesta em um artigo publicado em 1957, *A sociologia do Brasil*, onde AC descreve as tendências da nova disciplina, e sugere que estas ao deixarem de lado a estética da “cultura dos bacharéis” e seu “sincretismo”, deixam para trás aquilo que corresponderia à característica da nossa evolução mental, bem como as necessidades ainda sentidas de compreensão da nossa realidade. Esse amadorismo daria maior plenitude à personalidade dos estudiosos, permitindo-a transitar por vários setores que não poderia, caso estivesse atado a uma especialidade. Por isso, já em 1955 reclamava da obra *Cunha*, de Willems, e *Cruz das almas*, de Pierson, devido a falta de sensibilidade para perceber os problemas mais amplos ligados às sociedades rústicas. (JACKSON, 2002, p. 72)

2.c. “Solucionar é preciso”: o sociólogo politizado

O sociólogo em AC se posiciona politicamente diante da realidade. Aquela falta de sensibilidade não poderia afetar qualquer tentativa de reforma agrária, esta, por sua vez, não seria viável se não se levasse em conta a cultura caipira. O espírito de Candido herda dos anos 30 o ímpeto do intelectual politizado, não se rende à “neutralidade” dos estudos de comunidade e chama a atenção para a necessidade de reforma das condições de vida do homem do campo.

Nesse ponto convém problematizar a crítica de Luiz C. Jackson a esse respeito. Para este estudioso, o posicionamento político de Candido retiraria a possibilidade de ação política autônoma dos caipiras. Ele reclama que em nenhum momento encontrou na obra a defesa de um retorno à vida tradicional e argumenta que a urbanização aparece como sendo algo inexorável, restando apenas a alternativa de “inclusão” das populações rústicas do campo. A proposta de Candido seria, desse modo, limitada pela sua interpretação. Essa argumentação de Jackson deve ser contraposta por três aspectos, dois que ele esqueceu e um que levou em consideração, mas considerando-o como sendo limitador das possibilidades políticas da cultura caipira. Um dos aspectos que ele esqueceu foi de caráter metodológico, ou seja, questionar sua própria interpretação, sua “vontade de verdade”. Outro aspecto esquecido é que se, de fato, em PRB, Candido retoma a linha do pensamento social brasileiro dos anos trinta, nada mais natural do que tomar uma posição diante dos problemas da realidade. O aspecto que ele chega a

considerar e acaba desconsiderando é a coerência da proposta política de Candido com sua proposição teórica.

Começemos por esse último aspecto, ou seja, pela compreensão de que, para Candido, o fator que impedia a reprodução do modo de vida caipira era, basicamente, a indisponibilidade da terra, e esse dado Jackson entendeu bem. Na base da manutenção do equilíbrio pelos *mínimos vitais* e *sociais* estava a abundância de terras disponíveis, uma vez que permitia a roça temporária, a desnecessidade do trabalho, a negligência ao trabalho escravo e ao assalariado e, portanto, mantinha a autonomia do caipira. Afinal, dizia Nhô Artur: “Não é bom ser meeiro porque o patrão interfere”, ser aforante (agregado/arrendatário) para ele, seria melhor, pois entregue a parte do patrão “o resto [...] a gente manda e decide.” Ora, colocar a questão de que se tratava de um limite de interpretação o fato de se considerar fundamental a posse da terra, é desconsiderar que essa idéia de reforma agrária está coerente com a noção de equilíbrio deslindada em PRB. A partir do prisma dessa noção, no momento em que avança a civilização urbana no Brasil, a cultura caipira deixava de ser equilíbrio para se tornar retrocesso, desequilíbrio e anomia. Diante de novas relações e mediações, a adaptação do caipira se daria a partir de uma condição básica do seu estilo de vida: a posse da terra. Uma vez que ela garantia algo que os caipiras eram ciosos em abrir mão: a sua autonomia. Não se trataria mais de vida caipira, pois o mínimo vital e organizacional, que antes compunham o movimento orgânico da cultura caipira, seriam ultrapassados, estariam sob novas condições e, portanto, já que a cultura depende desse arcabouço orgânico, se trataria de uma nova cultura que permitiria a manutenção de certas tradições e do traço fundamental da autonomia. A queixa de Jackson, ao nosso ver, é injusta.

Quanto ao aspecto metodológico, o da necessidade do pesquisador estranhar sua própria verdade, José de Souza Martins o advertiu:

O pesquisador investiga, objetivamente, com juízos de realidade e não com juízos de valor. [...] a cultura caipira estava em crise e continuou em crise, [...] a constatação é correta. (JACKSON, 2002, p. 227)

Não vejo porque se deva considerar que essa interpretação deixe o homem do campo “numa situação passiva”. Passiva em que? Não haveria na sua pergunta a concepção imobilista de que a realidade social e cultural é feita de nichos e enclaves? E,

portanto, a de que os diferentes grupos e categorias sociais não teriam sua realidade, sua visão de mundo, sua consciência social determinada pelas contradições que de diferentes modos alcançam a todos, ainda que com diferentes intensidades? (JACKSON, 2002, p. 231)

Desse modo, a proposta de AC é uma reação à possibilidade de anomia resultante das transformações no campo, possibilidade agravada se não levasse em conta a cultura e a sociabilidade dos grupos rústicos. O latifúndio é visto como um problema social do campo na medida em que “priva da posse da terra os seus cultivadores, que graças a ela poderiam adquirir *estabilidade*”. Toda benesse do desenvolvimento técnico, “da higiene, da divulgação intelectual e artística devem convergir para criar *novos* mínimos vitais e sociais”. (CANDIDO, 1997, p. 225, grifos nossos) Como não haveria uma defesa dos valores tradicionais daquele modo de vida em PRB?

O posicionamento político de Candido não vem contradizer a tese de Jackson, antes a reforça e a aprofunda, pois, tal proposta faz justamente o que diz seu enunciado: recupera a tradição esquecida dos caipiras, não só no plano teórico como no plano propositivo e político, bem como a tradição do pensamento social que, reiteramos, *propõe* soluções aos problemas sociais brasileiros. O limite não está na sua proposta política, ele é conceitual, no que tange a idéia de cultura, como já discutimos anteriormente. A partir de Candido não seria possível falar hoje de cultura caipira sem certas restrições.

3. Últimas considerações: PRB, seu alcance e a quem alcança?

Para concluirmos, devemos lembrar que a década de cinqüenta e a primeira metade da década de sessenta foram marcadas pela emergência da questão agrária. Partidos políticos como PCB e PTB, além da Igreja Católica, procuravam organizar trabalhadores rurais em sindicatos e associações. Havia resistência violenta e organizada das mulheres e homens do campo à grilagem em Formoso e Trombas (GO), na Guanabara (RJ), em Porecatu (PR), etc. Surgiam as Ligas Camponesas em Pernambuco, ocorria a primeira invasão de terras improdutivas no Rio Grande do Sul, acontecia o I Congresso de Trabalhadores Rurais em Belo Horizonte, com a presença de João Goulart. O que nos faz supor que PRB teria, quem sabe, maior impacto se fosse

publicado já em 1954, uma vez que até 1964 ficou restrito às cópias distribuídas aos professores que compuseram sua banca de doutorado. Em 1964, quando foi publicada, a tese de Cândido parecia marginal em relação às grandes discussões que enredavam, entre outras obras, *Os quatro séculos de Latifúndio*, de Alberto Passos; *Formação histórica do Brasil*, de Nelson Werneck Sodré; *Revolução brasileira*, de Caio Prado Jr. Diante da militância política e das ideologias predominantes PRB, talvez, não se enquadrasse nas expectativas daquilo que se considerava “verdadeiro”.

O fato é que a obra obteve alcance limitado, ou quase inexistente naquele debate. Mesmo no meio acadêmico, PRB era acusado de misturar tendências teóricas “opostas” como a de Marx e a de Malinowski. Em 1970, Florestan diria que seu trabalho era muito restrito e estava mais para etnografia do que interpretação sociológica, já em 1990, esse mesmo sociólogo consideraria que a obra colocou o caipira na estante dos clássicos do pensamento social brasileiro. Seu pensamento influenciou Maria Isaura Pereira de Queiroz e seu grupo, bem como, lateralmente, José de Souza Martins, Maria Sylvia Carvalho Franco, entre outros pesquisadores das populações do meio rural.

Hoje PRB não comenta, é comentado, AC não cita autores, é citado. Tratar do mundo caipira sem discutir com PRB não é levar o assunto a sério. A obra teve nove edições até agora e ainda é discutida em cursos de sociologia e antropologia. Talvez, a disseminação mais notável da abordagem de Candido sobre o mundo caipira, seja a influência que PRB exerceu sobre o filme “A Marvada Carne”, de 1985, que foi dirigido por André Klotzel. A contribuição desse pensamento tem muitas possibilidades, todavia, seus limites nas atuais condições parecem confinados, talvez, ao nicho acadêmico, não sendo tão difundida como a abordagem satírica (ou sarcástica) de humoristas televisivos de perspectivas pífidas, atualizadas em telenovelas e etc. Cabe lembrar que o MST (Movimento dos Sem Terra), movimento social de maior alcance político no Brasil hoje, foi em grande parte um legado dos nossos caipiras. A advertência de AC, silenciada ou silenciosa nos idos de 1954, é um instrumento político na luta pela terra, pois ela recobra sua atualidade, corresponde às exigências da crise de paradigmas do pós-1989 no plano do pensamento e se insere nos atuais critérios do que seja “verdadeiro”:

[...] a reforma das condições de vida do homem brasileiro do campo não deve ser baseada apenas em enunciados políticos,

ou em investigações especialmente econômicas e agrônômicas; mas também no estudo da sua cultura e da sua sociabilidade. (CANDIDO, 1997, p. 11)

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo, 8ªed. Ed. 34, 1997.

_____, Entrevista ao Jackson, *In*: JACKSON, Luiz Carlos. **A Tradição esquecida**. Estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte/SP, Editora da UFMG/Fapesp, 2002.

CARONE, Edgard. Entrevista ao Jackson, *In*: JACKSON, Luiz Carlos. **A Tradição esquecida**. Estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte/SP, Editora da UFMG/Fapesp, 2002.

FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. *In*: **Microfísica do Poder**. Glória – RJ, Edições Graal Ltda, 1981.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo- Edições Loyola, 1996.

FRANCISCO, Luís Roberto. A gente Paulista e a vida caipira. *In*: **Coleção Terra Paulista: História, Artes, Costumes**. Vol. 2. Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos. São Paulo, CENPEC/Imprensa Oficial, 2004.

JACKSON, Luiz Carlos. **A Tradição esquecida**. Estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte/SP, Editora da UFMG/Fapesp, 2002.

_____, A tradição esquecida: estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, p. 82-98, 2001.

MARTINS, José de Souza. Entrevista ao Jackson, *In*: JACKSON, Luiz Carlos. **A Tradição esquecida**. Estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte/SP, Editora da UFMG/Fapesp, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad. Mário da Silva, Rio de Janeiro, 9ª ed, Bertrand Brasil, 1998

PONTES, Heloisa. Entrevista com Antonio Candido. *In*: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 16, nº 47, outubro/2001.